

ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: INVESTIGANDO A PRÁTICA DA SALA DE AULA

Ana Amélia Calazans da Rosa*
Edcleia Aparecida Basso**

Resumo: Neste trabalho apresentamos alguns dos resultados obtidos durante a pesquisa sobre estratégias de aprendizagem em aulas de inglês de uma escola particular de idiomas. Norteados principalmente por grandes especialistas na área de ensino-aprendizagem de línguas (OXFORD, 1990; WENDEN, 1991; WENDEN & RUBIN, 1987; MOURA, 1992; entre outros), investigamos quais as estratégias utilizadas nas aulas para traçar uma possível otimização das mesmas. Para tanto, utilizamos instrumentos qualitativos de coleta de dados como gravação em áudio e vídeo de algumas aulas, e observação não-estruturada.

Palavras-chave: estratégias de aprendizagem, otimização, ensino de LE.

FOREIGN LANGUAGE LEARNING STRATEGIES: INVESTIGATING THE PRACTICE OF THE CLASSROOM

Abstract: This paper shows some data obtained during the research about learning strategies in English classes at a language institute. Guided by some of the well-known experts in foreign language learning (OXFORD, 1990; WENDEN, 1991; WENDEN & RUBIN, 1987; MOURA, 1992), we investigated some of the most common strategies used in classroom and their possible optimization. It was used qualitative instruments of data collection, like classes recording in audio and video and non-structured observation.

Keywords: learning strategies, optimization, FL teaching.

Introdução

Quem, nas aulas de inglês, nunca repetiu uma ou várias vezes a mesma palavra (ou frase) em grupo, daquele jeito cuja primeira tentativa nunca sai como planejado? Quem nunca foi convidado a cantar uma “musiquinha” na nova língua, daquelas cheias de rimas e gestos para seguir? Quem nunca brincou com *cards* coloridos e atraentes ou ficou observando os cartazes coloridos colados na parede da sala de aula? Quem já não riu dos gestos malucos que a *teacher* fazia para que os alunos conseguissem entender o que ela estava falando?

São por essas e outras, que a aquisição/aprendizagem de uma Língua Estrangeira (LE) pode variar entre o difícil e o fácil, o chato e o prazeroso, o eficiente e o decepcionante, o problema e a solução. Infelizmente, parece-nos

que atualmente as dificuldades em se aprender/adquirir uma nova língua têm aumentado. Pesquisas demonstram que os problemas relacionados ao ensino/aprendizagem de LE, em especial ao inglês, estão cada dia mais evidentes (BASSO, 2008; LEFFA, 2009; JORGE, 2009; ROCHA, 2006; 2008). Nossa própria experiência de sala de aula (tanto de instituto de idiomas como de escola regular), e os dados que vêm sendo coletados pelo grupo de pesquisa do qual fazemos parte, não contradizem que ensinar e aprender a Língua Inglesa (LI) tornou-se uma tarefa desafiadora para professores e alunos.

Buscando contribuir com uma investigação sobre possíveis alternativas à crescente problemática na qual se encontra o ensino/aprendizagem de línguas, principalmente de LI, decidimos nos voltar ao estudo das estratégias de aprendizagem.

Temos defendido, no decorrer de nossa pesquisa, a grande contribuição das estratégias nos mais variados aspectos envolvidos na aquisição/aprendizagem de uma nova língua tais como: memorização, construção de enunciados, inserção social, afetividade, entre outros. Até o momento temos nos atido e publicado sobre a teoria, discutindo os mais famosos estudos que focalizam a contribuição das estratégias de aprendizagem para o aluno e para o professor (cf. ROSA & BASSO, 2007; 2008a; 2008b; e também ROSA & BASSO, 2009). Neste trabalho, no entanto, voltamos nosso olhar sobre a prática, e pretendemos mostrar como as estratégias se fazem presentes até nos mais simples momentos da aula. Discutiremos algumas atitudes que o professor pode e deve tomar no intuito de aproveitar as estratégias que emanam naturalmente do aluno, para assim poder guiá-lo a certas atitudes que poderão contribuir para um maior sucesso como aprendiz de LI.

Fundamentação teórica

Preocupados com a atual realidade que vem demonstrando, cada vez mais, sinais de insatisfação de muitos de nossos alunos e professores para com o ensino/aprendizagem de LEs, optamos por procurar nas estratégias de aprendizagem uma possível amenização de certos problemas encontrados. Não se nega que ensinar e aprender/adquirir uma nova língua constitui um processo árduo e, na maioria das vezes, lento, que exige o bom funcionamento de diversos fatores. Esses fatores, por sua vez, sejam linguísticos ou não, sofrem variadas influências e podem trazer certos problemas à aprendizagem e/ou aquisição da língua alvo.

Quando nos referimos a “certos fatores”, abrangemos a totalidade do ensino/aprendizagem de línguas dentro e fora da sala de aula, no que diz respeito tanto ao aluno quanto ao professor. Desde atitudes simples como: focalizar a atenção e esforçar-se para manter a comunicação na língua alvo; até atitudes ditas mais complexas: planejar a sequência de estudos e saber se autoavaliar eficientemente, fazem parte da problemática que compõe o ensino/aprendizagem e que deve ser levada em conta na busca pelo sucesso.

Antes de entrarmos na classificação das estratégias de aprendizagem, é importante lembrarmos que as pesquisas ainda não chegaram a um acordo sobre o que seriam exatamente as estratégias e como deveríamos classificá-las. Tais conflitos são inevitáveis, afinal os estudos ainda são recentes.

Para dar início à discussão sobre as estratégias de aprendizagem propriamente ditas, torna-se necessário o entendimento do termo empregado, dentro e fora dos estudos cognitivos.

O vocábulo “estratégia”, que vem do grego antigo *strategia*, significa, em geral, a arte da guerra. De acordo com Oxford (1990) além de todas as referências possíveis a batalhas, guerras, entre outras, o termo também mantém relação estreita com a palavra *tática*, e, algumas vezes, confunde-se com esta. Porém, o importante é notar que ambos os termos remetem a algumas características implícitas, tais como: “(...) *planejamento, competição, manipulação consciente e movimento direcionado a um objetivo*” (OXFORD, 1990, p. 7)¹. Como observa Moura (1992), o vocábulo “estratégia” evoluiu muito nos últimos anos, adquirindo novos significados semânticos relacionados a outros assuntos. Para seu trabalho, a autora tomou por base a definição encontrada no Novo Dicionário Aurélio (1975 *apud* MOURA, 1992, p. 11): “*P. Ext. Arte de explorar condições favoráveis com o fim de alcançar objetivos específicos*”. Com intuito de facilitar a discussão sobre as estratégias no campo dos estudos cognitivos, este artigo escolhe a mesma definição citada acima, acreditando que as estratégias de aprendizagem possam fazer parte das condições que preencherão as lacunas que, por ventura, venham a impedir o sucesso da aprendizagem/aquisição de uma LE.

Neste campo de estudos da Linguística Aplicada, Andrew Cohen (1990, p. 5), define as estratégias de aprendizagem “(...) *como processos de aprendizagem que são conscientemente selecionados pelo aprendiz*”². É importante ressaltar que, para este autor, as estratégias são, necessariamente, ações conscientes que o próprio aprendiz deverá selecionar, a partir disso, pressupõe-se que este tomará a frente de seu processo de aprendizagem/aquisição da língua alvo, buscando a facilitação do mesmo.

Outra autora importante no campo dos estudos sobre estratégias é Wenden (1987, 1991) que, além de trabalhar com as estratégias de aprendizagem como forma de facilitação e aceleração do aprendizado de LE, focaliza, já em sua definição, a característica que pode ser considerada uma das mais relevantes: a formação do aprendiz autônomo. De acordo com a autora (1987, 1991, p. 6), “(...) o termo *estratégias do aprendiz* refere-se aos comportamentos que ocorrem durante o aprendizado de língua, pertinentes àqueles aprendizes que realmente se comprometem em aprender e regular o aprendizado da segunda língua”³.

Coerentemente com os autores até agora citados, Oxford (1990, p. 8) define de maneira simples e completa, no nosso entender o que seriam estratégias de aprendizagem como [...] estratégias de aprendizagem são ações específicas realizadas pelo aprendiz com o intuito de tornar a aprendizagem mais fácil, mais rápida, mais agradável, mais autodirecionada, mais eficiente e mais transferível para novas situações⁴.

Nestes termos, de que as estratégias facilitam, aceleram, motivam e direcionam o aprendizado/aquisição de uma nova língua, e ainda, paralelamente, auxiliam na construção da autonomia dentro e fora da sala de aula, no presente artigo pretendemos apresentá-las como uma ferramenta a mais para o processo de ensino-aprendizagem de LE, uma vez que são denominadas como meios diversos, específicos e conscientes em busca de um fim comum: o sucesso no aprendizado e na aquisição da língua alvo.

Quanto à classificação das estratégias de aprendizagem, escolhemos para este trabalho focalizar os estudos de Oxford (1990), pois a autora é referência mundial no assunto e consideramos sua forma de divisão das estratégias uma das mais didaticamente organizadas, o que torna a compreensão mais fácil.

Oxford (1990) identifica dois grupos principais de estratégias de aprendizagem: o de estratégias diretas e o de indiretas. As estratégias diretas correspondem àquelas que trabalham diretamente com a língua alvo, como por exemplo, na memorização de vocábulos e na produção de novos enunciados. As estratégias diretas são divididas em: de Memória, Cognitivas e de Compensação:

As estratégias de memória, tais como agrupar ou utilizar imagens, têm uma função bem específica: ajudar os estudantes a armazenar e a resgatar as novas informações que lhe são proporcionadas pelo aprendizado. As estratégias cognitivas, tais como resumir ou raciocinar dedutivamente,

capacitam os aprendizes a entender e produzir nova linguagem através de diferentes modos. *As estratégias de compensação*, como adivinhar e usar sinônimos, permitem que os aprendizes utilizem a língua apesar de ainda terem grandes falhas de conhecimento. (OXFORD, 1990, p. 37)⁵.

O outro grupo de estratégias, o das indiretas, também se divide em três subgrupos: Metacognitivas, Afetivas e Sociais. São chamadas de indiretas porque trabalham com fatores não linguísticos, como o planejamento das aulas e/ou das atividades, o relacionamento entre professor e alunos, a motivação, dentre outros. Oxford (1990, p. 135) diz que

Estratégias metacognitivas permitem que os aprendizes controlem sua própria cognição – isto é, coordenem o processo de aprendizagem utilizando funções como centrar, combinar, planejar e avaliar [o aprendizado]. *Estratégias afetivas* ajudam a regular as emoções, motivações, e atitudes. *Estratégias Sociais* ajudam os alunos a aprender através da interação com outros. (OXFORD, 1990, p. 135)⁶.

Oxford (1990) afirma que as estratégias de forma geral são ações conscientes que os aprendizes devem utilizar a fim de facilitar e acelerar seu aprendizado. Assim também o faz Wenden (1991) que nos revela a importância de ensinar as estratégias no intuito de desenvolver a autonomia no aprendiz.

Considerando todas as vantagens que o uso das estratégias traz para a sala de aula de LE, queremos com esta pesquisa mostrar algumas das estratégias de aprendizagem utilizadas consciente e inconscientemente pelos aprendizes de língua inglesa (LI) e por sua professora, procurando discutir o papel das mesmas na sala de aula para a otimização do ensino/aprendizagem de LE, nesse caso em específico, a LI.

A pesquisa

Esta pesquisa foi motivada pelos estudos teóricos que fizemos sobre as estratégias de aprendizagem e sua relação com a autonomia na aprendizagem/aquisição de línguas como integrantes do Programa de Iniciação Científica da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (PIC – FECILCAM). Contudo, a continuidade dos estudos só foi possível graças ao grupo de pesquisa PLE – Professor de Língua Estrangeira: contextos, saberes e práxis, coordenado pela professora doutora Edcleia Aparecida Basso

e certificado pelo CNPq, do qual participamos até o presente momento.

Percebendo a grande contribuição das estratégias de aprendizagem para a sala de aula de LI, partimos para uma investigação empírica, analisando um contexto de ensino-aprendizagem de língua inglesa, buscando pelo uso ou não de algumas estratégias (seja consciente ou inconscientemente) e, em caso positivo, de que forma elas estariam influenciando o processo.

Para isso, filmamos parcialmente algumas aulas de inglês em um instituto de idiomas. Foram observadas três alunas de idades distintas (19, 11 e 10 anos) que estudavam juntas o nível pré-intermediário. A professora, e também pesquisadora, lecionava na escola há cinco anos e estava cursando Letras Português – Inglês.

Análise das atividades desenvolvidas nas aulas

Através da transcrição e análise de diferentes trechos das aulas filmadas percebemos que tanto estratégias diretas quanto indiretas estavam presentes durante a aula e foram de grande importância para o desenvolvimento da mesma. Notamos que, seja consciente ou inconscientemente não há como fugir das estratégias de aprendizagem, pois, são nessas ações e atitudes do professor e dos alunos que o aprendizado acontece.

Apesar de várias estratégias ocorrerem simultaneamente, começaremos pela estratégia social, a qual observamos ocorrer com grande frequência e, pode-se dizer que também é uma das mais importantes para a sala de aula. Afinal, “*linguagem é uma forma de comportamento social*” (OXFORD, 1990, p. 144)⁷, portanto, acreditamos que a aprendizagem de uma língua pode ficar seriamente prejudicada se o relacionamento social, entre o professor e os alunos e alunos entre si não for equilibrado.

Oxford (1990) explica que, por envolver o contato com outras pessoas, estratégias sociais como questionamentos, cooperação e empatia são importantes para o processo de aprendizagem.

Selecionamos o trecho de um diálogo ocorrido durante um jogo de relacionar figuras. Nesse jogo as alunas deveriam formar trios com os *cards*, cada trio deveria conter um *card* o nome de um cômodo da casa, outro com nomes de alguns dos objetos ali encontrados e um terceiro com um desenho representando o cômodo. Observe:

“Std 1: na TV room tem DVD?

Std 2: não sei.. (riso) É, tem DVD, oh (pega a figura e mostra para Std 1)

Std 1: *Teacher, tem outro nome pra tevê?*

Teacher: *Tem, eu coloquei diferente.*

Std 2: *vê – erre – ê? vê – ê – erre?*

Teacher: *vê – cê – erre. vi – ci – ár. É... videocassete.*

(N junta o card onde tem as siglas VCR e DVD com a figura da TV room)

Std 2: *Study Std 3, Study.*

Std 1: *Chair. (e entrega um card para Std 1)'*

Neste pequeno trecho notamos que as alunas questionam-se e questionam a professora. Oxford (1990) coloca em foco a importância dos questionamentos em sala de aula dizendo que proporcionam um valioso “input” para os aprendizes, mencionando também a contribuição para a compreensão da nova língua e o envolvimento do aprendiz no processo. No entanto, achamos que por se tratar de uma turma de segundo ano esses diálogos poderiam ter ocorrido na língua alvo, pois assim teria havido o “input” do qual Oxford nos fala. Queremos destacar ainda para esse trecho a estratégia social de cooperação, que atividades em grupo são importantes para o desenvolvimento de estratégias sociais, que estimulando a cooperação em detrimento da competição estaremos contribuindo não apenas para a formação de novos falantes de uma determinada língua (nesse caso o inglês), mas também para a formação de cidadãos com espírito de grupo, mais motivados, menos preconceituosos, dentre outros (OXFORD, 1990).

Durante essa mesma atividade foram observadas ainda outras estratégias. Por exemplo, notamos que as estratégias sociais desencadeavam estratégias cognitivas, como a prática de estruturas já conhecidas (ou que passaram a ser conhecidas naquele momento), e o raciocínio e análise de palavras e expressões em conjunto – através da cooperação mútua.

Aproveitando as situações criadas pelo jogo mencionado anteriormente, vejamos um trecho que descreve o momento da correção da atividade com as estudantes e as estratégias que elas utilizaram:

Teacher: *What kind of objects are there in the TV room?*

Std 2: *telly, tube, sofa...*

Teacher: *tube (corrigindo a pronúncia)*

Std 2: *tube, sofa or a couch, DVD player, vi-ci-ér*

Teacher: *vi-ci-ár*

Std 2: *vi-ci-ár, curtain, cushion.*

Teacher: *so, now let's try to understand the words, ok? The new words. What's a "telly"? You said "telly" or "tube"... what's this?*

(silêncio)

Teacher: Look at the picture and try to guess.

Std 2: telly... é televisão?

Teacher: Yees. Telly, or tube... olha as novas palavrinhas hein.

Std 2: eu fui telly, porque telly parece tela... de televisão.

Teacher: lembra daquele site, youtube?

(acenam com a cabeça positivamente)

Std 1: youtube...

Teacher: então, por que é youtube?

Std 2: eu tenho meu youtube... (riso)

Teacher: é né... people don't stop to think why, porque youtube...

you no tubo? Não é você no tubo... (risos) é você on TV!"

Esse pequeno trecho revela várias estratégias que as alunas utilizaram em seu favor de forma consciente e inconsciente. Primeiramente, como já pudemos perceber o jogo em si foi criado com o intuito de auxiliar as estudantes na memorização de novo vocabulário, portanto o jogo é uma estratégia direta de memória. Quando relacionamos as palavras/expressões em inglês diretamente com as figuras que as representam, estimulando a imaginação, estamos criando uma situação propícia à memorização das palavras. Outra estratégia de memória presente é o ato de relacionar uma palavra até então desconhecida (no caso de *tube*) com uma expressão familiar para as estudantes (o site de compartilhamento de vídeos mundialmente conhecido *youtube*). Ao criar essa situação, a professora facilita a memorização da nova palavra e abre espaço para que as aprendizes utilizem estratégias cognitivas, como a análise de outros vocábulos da esfera da internet que conhecem, mas não sabem o significado, e ainda a transferência dessa nova palavra (*tube*) para outras situações.

Percebemos que a estratégia de memorização do vocábulo *tube* como *televisão* em português foi utilizada pela professora com intuito de auxiliar suas alunas, no entanto é interessante notar como a *student 2* também utiliza uma estratégia de memorização sem saber que o faz. Quando a aluna relaciona a palavra *telly* com *tela*, que a leva a imaginar a tela de uma televisão, e, conseqüentemente a acertar seu *guessing*, ela está claramente utilizando uma estratégia de memória, e simultaneamente uma estratégia de compensação.

Estratégias de compensação são utilizadas para ajudar os aprendizes a utilizarem a nova língua em situações que ainda haja limitações. Por exemplo, no caso acima, a aluna utilizou algumas dicas que já estavam proporcionadas na atividade (o fato de o assunto ser cômodos da casa e

móveis/eletrodomésticos, a semelhança da palavra inglesa *telly* com a palavra portuguesa *tela*, a televisão é um eletrodoméstico que tem uma tela) para fazer um *guessing* inteligente, ou seja, em que as chances de acertar são grandes. Outros exemplos de estratégias de compensação seria a superação de limites na fala, tais como substituir palavras desconhecidas por sinônimos, ou pelo correspondente da língua materna, ou ainda utilizando gestos/mímica, inclusive muitas dessas ações que também são válidas para a escrita. Porém, vale ressaltar que, tais estratégias podem exigir certa exposição do aluno, e para que ele se sinta confortável com essas possíveis situações, provavelmente algumas estratégias afetivas (que serão discutidas a seguir) poderão ser úteis.

Observe outro exemplo de estratégia de compensação utilizada pela professora:

Teacher: *No, how is the house of your dreams... (faz gestos e escreve no quadro "House of my dreams") The beautiful, the perfect house!*

Std 3: *Como imagina a sua casa?*

Teacher: *yes. Dream. Do you know "dream"?*

Std 2: *Imagina?*

Teacher: *No. When you sleep, you dream (fazendo gestos)*

Std 2: *Sonho?*

Teacher: *Yees (as alunas imediatamente anotam a tradução). How is the house of your dreams? (momento de silêncio). As duas podem falar, ok? Characteristics.*

Std 3: *(...) com uma piscina bem grandona e uma tevê (...)*

Teacher: *How do you say piscina in English?*

Std 3: *Pool."*

Os gestos da professora auxiliam as alunas a descobrirem sozinhas o significado da nova palavra (*dream*), ou seja, é uma ação que compensa a falha momentânea no vocabulário delas. Além disso, as ajuda a não sentirem-se frustradas, pois as faz perceber que podem entender e participar da atividade mesmo com suas limitações. Nesse mesmo trecho chamamos a atenção ainda para a utilização de uma estratégia cognitiva – o uso de anotações – que aconteceu automaticamente, sem a influência direta da professora naquele momento. A estratégia de tomar nota sobre as informações novas ajuda a criar uma estrutura adequada e organizada para aquisição de *input*, que desencadeará outra estratégia (dessa vez de memória), a revisão.

Retomando o diálogo da situação (B), destacamos o uso da estratégia de aprendizagem afetiva e o efeito causado pela mesma. O riso provocado pela

brincadeira com a palavra *tube* (e, relação ao site *youtube*), ajuda as aprendizes a reduzirem sentimentos/sensações que possam atrapalhar o desempenho em sala de aula, como a ansiedade excessiva e o medo de errar. De acordo com Krashen (1982) fatores afetivos têm muita influência na aquisição de uma nova língua. Motivação, autoconfiança e ansiedade são as variáveis que devem estar bem equilibradas para que o *input* recebido pelo aprendiz seja mais bem assimilado. O autor afirma que é necessário que o filtro afetivo esteja baixo, assim o aprendiz estará mais aberto a todo o *input* ofertado em sala de aula. Entre as estratégias de aprendizagem afetivas, encontramos a busca pela diminuição da ansiedade, pelo encorajamento pessoal e pelo controle da temperatura emocional. E, baseando-nos ainda em Krashen (*idem*), defendemos a importância de estratégias afetivas em sala de aula, pois, as salas que promoverem situações que ajudem a controlar o filtro afetivo dos alunos, mantendo-o num nível baixo, têm indicadores de terem mais sucesso na aprendizagem.

Considerações finais

Motivados pelos resultados obtidos nas pesquisas no campo das estratégias de aprendizagem em LE, traçamos para nós um trabalho cujo principal objetivo foi encontrar uma alternativa que vislumbresse um auxílio para o complexo processo de aquisição/aprendizagem de uma LE. Através dos dados coletados para esse estudo, pudemos perceber que as estratégias de aprendizagem estão presentes em diversos e únicos momentos da aula. Isso as torna não apenas uma alternativa, mas sim uma parte significativa do processo.

Se os diversos estudiosos da Linguística Aplicada defendem a importância de se ensinar as estratégias para os alunos, guiando-os pelos caminhos que os levarão à autonomia, nós defendemos que podemos e devemos aprender a (re)conhecer as estratégias já utilizadas e desenvolvidas por nossos alunos e por nós mesmos. Ao sermos capazes de entender as estratégias que melhor funcionam em nossas turmas, bem como aquelas que não estão atingindo os resultados esperados, poderemos traçar objetivos e planos de trabalho específicos.

De acordo com as discussões apresentadas, consideramos de muita valia para o professor a habilidade de conhecer as estratégias para a busca da otimização de suas aulas. Acreditamos que o mesmo deve conhecer sua turma e guiá-los a conhecerem-se também, com intuito de que saibam colocarem-se no lugar de sujeitos-ativos, participantes do processo de

ensino/aprendizagem. Afinal, as estratégias de aprendizagem auxiliarão não apenas nas atividades linguísticas, mas também nos demais fatores relacionados com a aquisição, tais como os já citados fatores sociais, afetivos e os metacognitivos, que podem ser conferidos com detalhes em Oxford (1990) e Wenden (1991).

Notas

* Aluna do programa de pós-graduação/mestrado em Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas (UNICAMP) e membro do grupo de pesquisa certificado pelo CNPq & quot; PLE - Professor de língua estrangeira: contextos, saberes e práxis & quot; coordenado pela Profª Drª Edcleia Aparecida Basso.

** Doutora em Linguística Aplicada com área de concentração em Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras pela UNICAMP e professora adjunta no departamento de Letras da Faculdade Estadual de Campo Mourão (FECILCAM).

¹ *"(...) planning, competition, conscious manipulation, and movement toward a goal".*

² *"(...) as learning processes which are consciously selected by the learner".*

³ *"(...) the term learner strategies refers to language learning behaviors learners actually engage in to learn and regulate the learning of a second language".*

⁴ *"(...) learning strategies are specific actions taken by the learner to make learning easier, faster, more enjoyable, more self-directed, more effective, and more transferrable to new situations".*

⁵ *"Memory strategies, such as grouping or using imagery, have a highly specific function: help students store and retrieve new information. Cognitive strategies, such as summarizing or reasoning deductively, enable learners to understand and produce new language by many different means. Compensation strategies, like guessing or using synonyms, allow learners to use the language despite their often large gaps in knowledge".*

⁶ *"Metacognitive strategies allow learners control their own cognition – that is, to coordinate the learning process by using functions such as centering, arranging, planning, and evaluating. Affective strategies help to regulate the emotions, motivations, and attitudes. Social strategies help students learn through interaction with others".*

⁷ *"Language is a form of social behavior".*

Referências

BASSO, Edcleia A. Adolescentes e a aprendizagem de uma língua estrangeira: características, percepções e estratégias. In: ROCHA, C. H. & BASSO, E. A. (Orgs.) **Ensinar e Aprender Língua Estrangeira em Diferentes Idades**. São Carlos: Claraluz, 2008.

COHEN, Andrew D. **Language Learning**: insights for learners, teachers, and researchers. Boston: Heinle & Heinle, 1990.

JORGE, M. L. dos S. Preconceito contra o ensino de língua estrangeira na rede pública. In: LIMA, D. C. de. (org.) **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola, 2009.

KRASHEN, Stephen D. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. Oxford: Pergamon Press Inc, 1982.

LEFFA, Vilson. J. Por um ensino de idiomas mais incluyente no contexto social atual. In: LIMA, D. C. de. (org.) **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola, 2009.

MOURA, E. V. X. de. **Estratégias de Aprendizagem de Língua Estrangeira entre alunos de diferentes níveis de rendimento e de proficiência**. Dissertação de Mestrado. Assis, SP: Universidade Estadual Paulista, 1992.

OXFORD, Rebecca L. **Language Learning Strategies: what every teacher should know**. Boston: Heinle & Heinle, 1990.

ROCHA, C. H. O ensino de línguas para crianças: refletindo sobre princípios e práticas. In: _____. & BASSO, E. A. (orgs). **Ensinar e aprender língua estrangeira nas diferentes idades: reflexões para professores e formadores**. São Carlos, SP: Editora Claraluz, 2008.

_____. **Provisões para ensinar LE no Ensino Fundamental de 1ª a 4ª Séries: dos parâmetros oficiais e objetivos dos agentes**. Dissertação de mestrado. Campinas, SP: IEL/UNICAMP, 2006.

ROSA, Ana A. C. & BASSO, Edcléia A. As estratégias no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras: uma abordagem teórica. In: **III EPCT – Encontro de Produção Científica e Tecnológica**. Campo Mourão, PR: FECILCAM, 2008a.

_____. Estratégias de aprendizagem em Língua Estrangeira: uma alternativa em estudo. In: **Entornos & Contornos**. São Paulo: CNA, 2009.

_____. Estratégias de Aprendizagem em Língua Inglesa. In: **II EPCT - Encontro de Produção Científica e Tecnológica**. Campo Mourão, PR: Gráfica Mourão, 2007.

_____. Estratégias e a construção da autonomia na aprendizagem de línguas estrangeiras. In: **II ENIEDUC – Encontro Interdisciplinar de Educação**. Campo Mourão, PR: FECILCAM, 2008b.

WENDEN, Anita. **Learner Strategies for Learner Autonomy**: planning and implementing learner training for language learners. New York – York College: Prentice Hall, 1991.

WENDEN, Anita. & RUBIN, Joan. (eds) **Learner Strategies in Language Learning**. Prentice Hall, 1987.

Recebido em: fevereiro de 2010.

Aprovado em: junho de 2010.